

ANA PIEDADE & BÁRBARA ESPARTEIRO

alavado@ipbeja.pt; barbara.esparteiro@ipbeja.pt

INSTITUTO POLITÉCNICO DE BEJA, PORTUGAL

“ENTRE NÓS, CONNOSCO” NA REGIÃO BAIXO ALENTEJANA

RESUMO

A situação, que atualmente se vive, exige reflexão por parte dos cidadãos da Europa e do resto do mundo, relativamente ao modo como o diálogo entre o “eu” e o “outro” se constrói, bem como as dinâmicas assumidas pelos estados europeus. Os refugiados que procuram a Europa e os países que buscam, dentro das fronteiras do espaço Schengen, agitam em algumas sociedades europeias ou em alguns grupos, estereótipos face ao estrangeiro não europeu de contextos culturais com os quais a Europa não tem vindo a travar conhecimento profundo. Considerando que nos últimos anos têm chegado, ao distrito de Beja, migrantes provenientes de diversos contextos geográficos e que, durante o ano de 2015, o Instituto Politécnico de Beja (IPBeja) tem vindo a receber muitos alunos, oriundos dos PALOP, que se confrontam e confrontam a comunidade bejense com as diferenças culturais, afetando relações sociais, estamos conscientes da necessidade de (re) pensar as questões de identidade e de alteridade neste novo contexto. Assim, o IPBeja iniciou, durante o ano de 2015, um diagnóstico no terreno que conduziu à elaboração de um plano de ação com os seguintes objetivos: i) Conhecer os diferentes contextos culturais estrangeiros; ii) Fomentar a interculturalidade na região; iii) Favorecer a integração social dos migrantes na comunidade. É expectável que através das ações desenvolvidas (ações de formação acreditadas dirigidas a docentes e outras formações dirigidas a alunos estrangeiros, migrantes e refugiados) e conjunto de brochuras (dirigidas à comunidade) se alcance a aceitação dos migrantes e a atenuação ou mesmo ausência de conflitos entre locais e estrangeiros.

PALAVRAS-CHAVE

Formação; interculturalidade; mediação; aceitação

1. INTRODUÇÃO

Pensar o território, qualquer que seja, implica contextualizar as populações relativamente a um grupo sociocultural, a uma cultura e subcultura. Implica, igualmente, compreender as situações vivenciadas pelos seus habitantes e/ou naturais, avaliando o seu percurso bem como as mudanças sociais e culturais que lhes foi dado viver, as competências adquiridas ao longo da vida e, sem dúvida, atender às identidades que aí se geram e integram.

O hibridismo sociocultural existente nos territórios, de um modo geral, potencia a sua flexibilidade permitindo-lhes uma adaptação maior à multiplicidade de desafios que lhe venham a ser colocados. Através das redes de conhecimentos e dos diferentes grupos identitários a que os indivíduos pertencem ou aos quais se opõem, emergem estruturas que falam de contextos espaciais mais abrangentes – regionais, nacionais e transnacionais. O território assume-se, portanto, como espaço e lugar de vida coletiva e de memória enquanto espaço público pertencente a quem o habita, isto é, como um espaço relacional, patrimonial e cultural de pertença.

O interculturalismo está intimamente relacionado com as questões identitárias, na medida em que um território intercultural expressa a identidade histórica e as vivências de quem o habita, constrói e transforma. Neste sentido, a identidade expressa-se em lugares, percursos e sociabilidades estabelecidas entre indivíduos e grupos, forjando-se em pilares simbólicos significativos para o sujeito e para o agregado. A cidade de Beja e áreas limítrofes não são exceção, encontrando nos lugares de memória sociabilidades de género (os lugares dos homens e os das mulheres); de estatuto socioeconómico e profissional; etc. As relações vicinais enformam, nos bairros e nas ruas (ou segmentos de rua) relações de parentesco simbólico; de modo informal o espaço é ocupado de um determinado modo que, num dado momento e num dado lugar, faz sentido e é percecionada como correta, conferindo a cada território uma atmosfera própria. Estas questões identitárias são percecionadas e apropriadas à luz de outras identidades e alteridades pelos estrangeiros que aportam a novos territórios, das quais eles são portadores e transmissores. Importa, portanto, encontrar espaços de entendimento possíveis entre quem chega e quem está no Baixo Alentejo mais especificamente em Beja, quer sejam estudantes ERASMUS, estudantes internacionais ou migrantes – económicos ou refugiados.

A facilitação do conhecimento e da convergência de formas de entender o mundo, respeitando a diversidade, entre os diferentes grupos populacionais do distrito de Beja é missão do estabelecimento de ensino superior da região, isto é, do Instituto Politécnico de Beja (IPBeja). Apresentaremos

de seguida uma breve reflexão acerca da cidade como espaço identitário, seguida pela identificação de serviços e estruturas do IPBeja que trabalham a realidade da interculturalidade no contexto institucional e comunitário bem como, alguns números relativamente a grupos estrangeiros que habitam Beja cidade. Por último, um breve diagnóstico da situação que serve de base a três propostas concretas de atuação inseridas num projeto de intervenção mais amplo. A metodologia seguida é a investigação-ação na medida em que,

(...) a investigação deliberada e orientada-para-a-solução e que é realizada e conduzida pelo grupo ou por uma pessoa. É caracterizada por ciclos espirais de identificação de problemas, recolha de dados, reflexão, análise, ações orientadas em função dos dados obtidos e, finalmente, redefinições do problema. (Amado & Cardoso, 2013, p. 188)

2. O TERRITÓRIO E A CIDADE COMO ESPAÇO IDENTITÁRIO

A construção da(s) identidade(s) é um processo contínuo e complexo de reconhecimento e pertença que se relaciona com questões temporais, espaciais e grupais. Ao centro urbano é atribuído um duplo valor simbólico na medida em que permite aos habitantes identificarem-se com a sua comunidade e ao mesmo tempo constitui uma imagem sintética da cidade (Lacaze, 1995). É geralmente aí que se encontram agrupados os locais de poder e governança local, os monumentos, o comércio ... Mas tão importante como isso é, por norma, o local de encontro, por excelência, das populações quer em ocasiões de festa como de protesto ou, simplesmente, como lugar de convívio e atravessamento da urbe – porque todas ou quase todas as ruas aí vão dar. A ideia de integração do “outro” no território passa forçosamente, por afastá-lo das periferias, das “margens” onde com tanta frequência surgem espaços de “guetização” que tornam os territórios multiculturais mas não interculturais.

O IPBeja, consciente desta situação, espalhou as residências pelo território urbano – junto ao Campus, no Centro nobre da cidade e numa zona de expansão relativamente recente. Deste modo, os alunos estrangeiros e portugueses cruzam-se fora da instituição e, juntamente, com a restante população, atravessam o território urbano, frequentando os mesmos transportes públicos ou cruzando-se nas ruas de atravessamento da urbe. O multiculturalismo é evidente mas, enquanto comunidade Beja, território de baixa densidade, necessita de fazer a transição para o interculturalismo.

Os acontecimentos que ocorrem no espaço e o modo como ele é apreendido e vivido, conferem-lhe uma identidade singular que se (re)combina com as identidades individuais de quem o frui e com as identidades dos grupos que lhe dão sentido – por via da memória social e de reconfigurações simbólicas é origem e origina relações identitárias. O território enquanto espaço geográfico e de representação quer-se vivo e vivido, isto é, animado. Estudar e compreender um território implica, portanto, cruzar dados oficiais com as representações que as populações têm dos territórios que ocupam e das potencialidades desse território; com os mapas mentais que, não raramente, condicionam a ação desses mesmos ocupantes sobre ele. Ao compreender para agir, mas sendo efetivamente uma ação contextualizada temporal e espacialmente, a intervenção/animação territorial só faz sentido e existe verdadeiramente se ouvir e envolver os indivíduos.

A animação territorial como “novo campo” de intervenção justifica-se por esta razão e neste momento de mudança de paradigma que se vive ao nível global. Intimamente ligadas mas diferenciadas na sua especificidade, animação sociocultural e territorial juntam esforços na resolução de novos desafios. As questões territoriais, o equilíbrio e desequilíbrio territorial; a alteração das configurações espaciais que é visível no jogo entre novas e velhas centralidades, velhas e novas periferias; a emergência de novas configurações económicas, culturais e sociais que moldam mentalidades e se traduzem em novos territórios de influência, aconselham os investigadores das áreas das ciências sociais a encarar o território como princípio e fim da sua intervenção.

3. SERVIÇOS E ESTRUTURAS DO IPBEJA QUE TRABALHAM A INTERCULTURALIDADE

O IPBeja, enquanto instituição de ensino superior ao serviço da sociedade, dedica-se à,

produção e difusão do conhecimento, criação, transmissão e difusão da cultura e do saber de natureza profissional, da investigação orientada e do desenvolvimento experimental, concentrado especialmente em formações vocacionais e em formações técnicas avançadas, orientadas profissionalmente e incentivando a formação ao longo da vida, no contexto institucional e comunitário¹.

¹ Retirado de <https://www.ipbeja.pt/SobreIPBeja/Paginas/Miss%C3%A3o.aspx>

Neste contexto, o IPBeja congrega um conjunto de serviços e estruturas que apoiam a sua ação. A saber:

- a) O Gabinete de Relações Internacionais que é constituído por uma unidade de gestão, com competências ao nível da área de intervenção; coordena e presta apoio técnico – administrativo à gestão de programas de mobilidade internacional; promove a cooperação entre o IPBeja e entidades estrangeiras; promove iniciativas que favoreçam a internacionalização; representa a instituição em fóruns para a cooperação internacional²;
- b) O Lab-At (Laboratório de Animação Territorial) – tem por missão investigar problemáticas relativas ao território, presta serviços à comunidade, apoia o ensino e a investigação, no que concerne a:
 - Conceção de cenários demográficos prospetivos;
 - Diagnósticos socioeconómicos e de necessidades de formação;
 - Análises de impacto socioeconómico;
 - Dinâmicas interculturais³.
- c) O Centro de línguas e Culturas – tem a sua atuação ao nível da prestação de Serviços e no apoio ao Ensino e à Investigação. Presta serviços à comunidade na divulgação de línguas e culturas estrangeiras e na promoção da aprendizagem e do desenvolvimento contínuo de competências linguísticas e culturais⁴.
- d) A Unidade para a Formação ao longo da Vida (UFLV) disponibiliza uma oferta permanente, de vários tipos de formação que complementam os ciclos de estudos formais e contribuem de forma significativa para o estímulo da aprendizagem ao longo da vida, para a valorização profissional e para o desenvolvimento local, regional e nacional. A Unidade para a Formação ao Longo da Vida promove estratégias institucionais que permitem a mobilização do IPBeja para a educação e formação ao longo da vida, bem como promove uma oferta formativa de qualidade, diversificada e destinada a diferentes públicos⁵.
- e) Equipa para a Integração Social do Estudante no IPBeja tem como missão promover a integração social dos estudantes pelos pares, na sociedade académica, sinalizar, apoiar e acompanhar situações de risco. Colabora com os Serviços de Ação Social (SAS).

² Retirado de <https://www.ipbeja.pt/servicos/gmc/Paginas/Competencias.aspx>

³ Retirado de <https://www.ipbeja.pt/PrestacaoServicos/Paginas/Missao.aspx>

⁴ Retirado de <https://www.ipbeja.pt/PrestacaoServicos/Paginas/Centros.aspx>

⁵ Retirado de <https://www.ipbeja.pt/oinstituto/UFLV/Paginas/Objetivos.aspx>

4. OS ALUNOS ESTRANGEIROS NO IPBEJA

O Instituto Politécnico de Beja (IPBeja), durante o ano de 2015, recebeu setenta e quatro (74) alunos, muitos provenientes dos PALOP, (gráficos 1 e 2) que se confrontam e confrontam a comunidade bejense com diferenças culturais que afetam as relações sociais, questões de identidade e de alteridade, onde se assume a diferença como alicerce de vida social e, simultaneamente, foco de permanentes conflitos.

Neste novo contexto, estamos conscientes da necessidade de (re) pensar as questões referidas e o IPBeja, no âmbito do Estatuto do Estudante Internacional, tem vindo a desenvolver um conjunto de ações com o intuito de favorecer a integração dos estudantes do espaço alentejano.

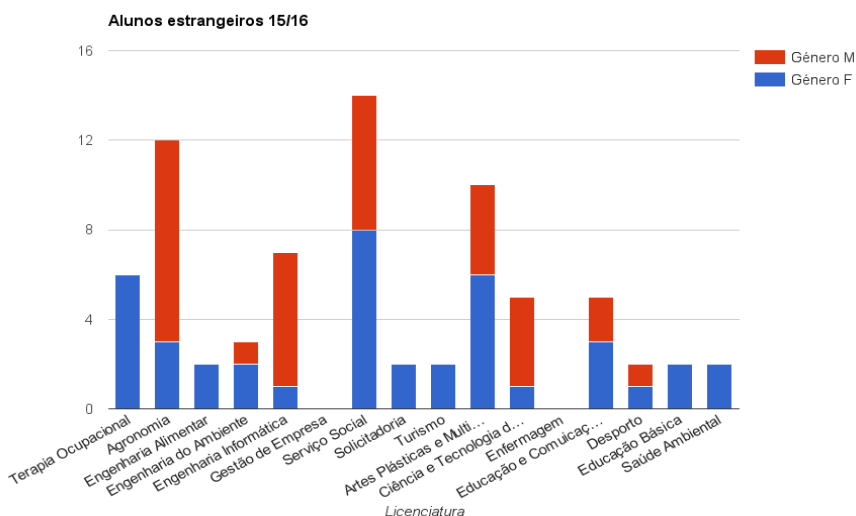


Gráfico 1: Alunos estrangeiros matriculados no IPBeja, por gênero e curso

O IPBeja apresenta total disponibilidade para colaborar, através do envolvimento do seu corpo docente afeto às áreas identificadas, uma vez que o Estatuto do Estudante Internacional, aprovado em março de 2014, permite a um estudante que não tenha nacionalidade portuguesa ou da União Europeia ingressar num curso de licenciatura no IPBeja⁶.

⁶ Retirado de <https://www.ipbeja.pt/alunos/EstudInternacional/Paginas/default.aspx>

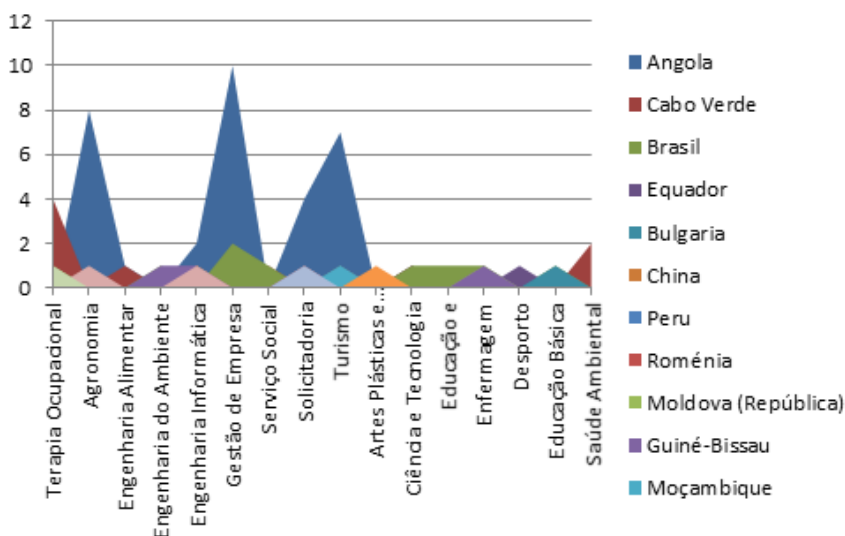


Gráfico 2: Alunos estrangeiros matriculados no IPBeja, por curso e país de origem

5. DIAGNÓSTICO DA SITUAÇÃO INTERNA DO IPBEJA

A chegada de alunos estrangeiros constituiu um desafio para refletir práticas internas e veiculou a necessidade de um diagnóstico da situação, quanto à problemática da sua integração. Nesta perspetiva, desenvolvemos um conjunto de contactos exploratórios com os responsáveis e técnicos de serviços acima citados, a fim de aduzir dados que nos permitissem compreender a situação interna do IPBeja, face à chegada destes alunos. Da análise às conversas exploratórias efetuadas ao Pró-Presidente para a Cooperação e Mobilidade e à coordenadora da Equipa para a Integração Social do Estudante, do IPBeja, resultou um conjunto de evidências que orientaram as nossas propostas e se passam a citar:

- a) Sentimentos de indiferença face a estes alunos, manifestados por docentes e não docentes;
- b) Sentimentos de paternalismo manifestados por não docentes;
- c) Sentimentos de receio manifestados por docentes e não docentes, bem como por alguns elementos da comunidade;
- d) Boa aceitação por parte dos pares;

- e) Desconhecimento, por parte da comunidade do IPBeja, relativamente aos aspetos culturais, sociais e económicos;
- f) Descrédito, por parte de alguns docentes, das aprendizagens efetuadas no país de origem;
- g) Bloqueios administrativos, ao nível das embaixadas e do serviço de estrangeiros e fronteiras;
- h) Estereótipo, por parte da comunidade, do africano.
- i) Dificuldade no uso e compreensão do português;

6. PROPOSTAS DE ATUAÇÃO

Face às necessidades encontradas, delineamos um conjunto de ações destinadas a públicos diferenciados que visam a melhor aceitação dos alunos estrangeiros na comunidade em que se insere o IPBeja.

6.1. AÇÃO DIRIGIDA A ALUNOS INTERNACIONAIS E ERASMUS DO IPBEJA

- a) Objetivos:
 - Conhecer contextos do uso do português de Portugal
 - Conhecer o território da Região do Baixo Alentejo – Beja
 - Conhecer aspetos sociais e culturais de Portugal

- b) Temas a abordar
 - Apoio ao Português
 - Conhecimento e reconhecimento do território
 - Território de baixa densidade – o caso de Beja
 - A paisagem
 - Identificação de instituições (hospital, centro de saúde, biblioteca, câmara municipal, cineteatro *Pax Julia*, centro regional de segurança social, tribunal, PSP,GNR, CTT, Bancos...)

- Unidade monetária
- Aspetos culturais e sociais
- Relações de género (trabalho, ...)
- Modelos familiares
- Relações de vizinhança
- Gastronomia
- Simbolismo
- Conceções de tempo e de espaço.

6.2. AÇÃO DE FORMAÇÃO DIRIGIDA A MIGRANTES ECONÓMICOS E A REFUGIADOS

a) Objetivos:

- Conhecer contextos do uso do português de Portugal
- Conhecer o território da Região do Baixo Alentejo – Beja
- Conhecer aspetos sociais e culturais de Portugal

b) Temas a abordar

- Apoio ao Português
- Conhecimento e reconhecimento do território
- Território de baixa densidade – o caso de Beja
- A paisagem
- Identificação de instituições (hospital, centro de saúde, biblioteca, câmara municipal, cineteatro *Pax Julia*, centro regional de segurança social, tribunal, PSP, GNR, CTT, Bancos...)
- Unidade monetária
- Aspetos culturais e sociais
- Relações de género (trabalho, ...)

- Modelos familiares
- Relações de vizinhança
- Gastronomia
- Simbolismo
- Conceções de tempo e de espaço.

6.3. SEMINÁRIOS TEMÁTICOS DIRIGIDOS A DOCENTES E NÃO DOCENTES DO IPBEJA

Estes seminários organizar-se-ão em conjunto com as estruturas e serviços do IPBeja. Serão abordadas as questões emergentes e resultantes do processo de acolhimento e integração dos estudantes.

6.4. AÇÃO DE FORMAÇÃO DIRIGIDA A DOCENTES DO 1º E 2º CICLO DO ENSINO BÁSICO

A ação de formação, dirigida a docentes do 1º e 2º ciclo do ensino Básico, *Mediação Intercultural*, constitui hoje uma das áreas de maior importância no contexto da educação formal e não formal, tornando-se fundamental para a integração de diferentes comunidades e minorias. Para além da resolução de conflitos, permite uma estratégia de prevenção e integração que sustenta a prática de uma cidadania ativa e consciente.

A Mediação Intercultural esteve durante longos anos desligada da investigação desenvolvida nos diferentes campos da vida quotidiana, contudo as dinâmicas geradas pelo processo de globalização obrigam à introdução de uma prática refletida, com o objetivo de integrar com e para a diferença.

Atualmente os currículos veiculam a importância dos valores da cidadania e da aceitação do outro, ensinando a compreender a diferença e sobretudo a ler o que de comum une os seres humanos. A Mediação Intercultural é uma técnica e uma estratégia apenas possível quando é inquestionável o respeito pelo outro – na semelhança e na diferença. Torna-se fundamental, portanto, a consolidação de conceitos que lhe confirmam sustentabilidade e credibilidade junto da sociedade.

Assim, estruturou-se uma Oficina de Formação, *Mediação Intercultural* incluída na *área de Educação e Multiculturalidade*, destinada a Educadores de Infância e Professores do 1º e 2º ciclos do Ensino Básico, que pretende integrar teoria e prática abordando conceitos do campo das Ciências

Sociais, trazendo-os à colação e usando-os em contextos de prática. Transmitir-se-á aos formandos, que o ato de mediar contempla um conjunto de regras que permitem, não apenas, intervir na mediação de conflitos, mas também, na sua prevenção.

Os conteúdos da ação visam desenvolver metodologias que permitam elaborar e implementar dinâmicas de mediação consideradas pertinentes na otimização dos conteúdos programáticos, dentro e fora da sala de aula e centram-se nos seguintes temas:

- Conceito de cultura e subcultura
- Conceito de identidade
- Conceito de mediação intercultural
- Perfil do mediador intercultural
- Técnicas de mediação intercultural
- Mediação intercultural e *empowerment*.

7. MATERIAIS A PRODUZIR

As Brochuras *Connosco, entre nós* constituirão materiais pedagógicos e de divulgação, destinados à formação inicial de educadores, docentes, assistentes sociais, enfermeiros, terapeutas ocupacionais e população em geral, produzidos pela equipa de investigadores do Lab-At/IPBeja e RESMI, cuja finalidade é dar a conhecer os migrantes e promover a sua integração no contexto regional do Baixo Alentejo e no contexto Português. Ter-se-á em consideração as nacionalidades predominantes dos alunos internacionais e dos alunos ERASMUS do IPBeja.

A coleção *Connosco, entre nós* será composta, numa primeira fase, por 6 títulos originais e pelas respetivas traduções, apresentando-se em duas línguas da União Europeia: Português e Inglês. As temáticas abordadas serão transversais a cada uma das brochuras e permitirão conhecer o território físico do país de origem dos migrantes, a(s) língua(s) falada(s), os aspetos demográficos, sistema político e aspetos económicos. Abordará, ainda, as questões de género, os modelos familiares e relações viciniais, a gastronomia, artesanato, rituais e religiosidade.

Os seis países abordados na primeira fase serão: Angola, Moçambique, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe. Numa

segunda fase serão trabalhados os conteúdos relativos a países como a Turquia, o Panamá e Índia. Numa terceira fase serão trabalhados os conteúdos relativos a países como Reino Unido, França, Espanha, Ucrânia, Moldávia, Rússia, Roménia, China e Síria.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A mobilização do potencial endógeno das comunidades dificilmente pode ser atingida sem capacidade de iniciativa e organização de base territorial, por parte de cada uma dessas comunidades de *per si* e enquanto conjunto de lugares mais ou menos próximos que constituem um território. As comunidades de baixa densidade enquanto futuras recetoras de indivíduos procedentes de outros lugares diferentes e distantes, portadores de culturas bastante diferentes implicarão, por certo, um esforço de convergência e de mediação entre as populações locais e os que agora chegam. Quantos e quem serão, a bagagem emocional que carregam e o modo como se adaptarão a estes novos lugares, implicam entender o território, cada vez mais, como espaço de mediação, ou seja como espaço de inclusão.

Uma concepção de interculturalidade ou interculturalismo rigorosa e fundamentada (...) requer a necessidade de situar esta temática no amplo conjunto de modelos de gestão da diversidade sociocultural. A razão para o fazer baseia-se em poder avaliar o que há de diferente e antagónico, mas também, o que há de comum e específico em relação a outras fórmulas. (Romero, 2010, p. 30)

Se, de um modo geral, a animação territorial surge da necessidade de colmatar a desadequação ou insuficiência de respostas públicas que permitam a emergência de iniciativas locais que visem responder a problemas e desafios específicos e relacionados com territórios com características muito particulares, como sejam comunidades envelhecidas, isoladas, demograficamente deprimidas, com elevado nível de desemprego, com problemas de criminalidade, com elevada percentagem de grupos de minorias étnicas, etc. ganha maior pertinência na situação atual.

Os processos de desenvolvimento territorial constroem, ou pretende-se que construam, respostas socialmente inovadoras que permitem agir sobre o território tendo como base o próprio território, tornando-o mais inclusivo, viável (porque passível de ser mais e melhor vivido) e desenvolvido. É, de resto, este o sentido com que a OCDE apresenta a ideia de

inovação social - um fenómeno que ocorre sempre que novas normas e/ou mecanismos surgem de modo a contribuir para a consolidação e melhoria da vida dos indivíduos, grupos, comunidades e territórios, no que concerne à criação de emprego, inclusão social, esbatimento de assimetrias e melhoria da intervenção dos níveis de governança.

Em síntese, consideramos que o IPBeja assume os pressupostos enunciados e pretende afirmar-se como entidade galvanizadora de sinergias e interventora na construção das novas realidades emergentes nas comunidades do Baixo Alentejo, em particular, na cidade de Beja.

REFERÊNCIAS

- Amado, J. & Cardoso, A.P. (2013). *Manual de Investigação Qualitativa Em Educação*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Lacaze, J. P. (1995). *A cidade e o urbanismo*. Flammarion: Instituto Piaget.
- Romero, C. G. (2010). *Interculturalidade e Mediação. Cadernos de Apoio e Formação*. Lisboa: ACIDI.